



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LINGUAGEM
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MAYARA EVANGELISTA NATIVIDADE

**A LUTA DAS MULHERES PELA SOBREVIVÊNCIA DIÁRIA, NA OBRA “O
CORTIÇO” DE ALUÍSIO DE AZEVEDO COMPARADA A LUTA NO SÉCULO XXI**

ABAETETUBA-PA
2022

MAYARA EVANGELISTA NATIVIDADE

A LUTA DAS MULHERES PELA SOBREVIVÊNCIA DIÁRIA, NA OBRA “O CORTIÇO” DE ALUÍSIO DE AZEVEDO COMPARADA A LUTA NO SÉCULO XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário de Abaetetuba, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, sob orientação do Prof. José Rinaldo Vasconcelos Lobato.

ABAETETUBA-PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N278 Natividade, Mayara Evangelista.
 A luta das mulheres pela sobrevivência diária, na obra “O
 cortiço” de Aluísio de Azevedo comparada a luta no SÉCULO XXI
 / Mayara Evangelista Natividade. — 2022.
 31 f. : il.

 Orientador(a): Prof. Me. José Rinaldo Vasconcelos Lobato
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
 Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2022.

 1. O cortiço. 2. Luta das mulheres. 3. Figura feminina. 4.
 Igualdade. I. Título.

CDD 869.9

MAYARA EVANGELISTA NATIVIDADE

**A LUTA DAS MULHERES PELA SOBREVIVÊNCIA DIÁRIA, NA OBRA “O
CORTIÇO” DE ALUÍSIO DE AZEVEDO COMPARADA A LUTA NO SÉCULO XXI**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado e aprovado, para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa pelo corpo docente da Faculdade de Ciências e Linguagem da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Abaetetuba, _____ de _____ de 2022.

Prof. José Rinaldo Vasconcelos Lobato
UFPA
Orientador

Prof.
UFPA
Examinador

Prof.
UFPA
Examinador

Dedico esse trabalho, aos meus familiares e amigos, que sempre estiveram presente e me acompanharam nessa longa trajetória de graduação.

.

“A persistência é o caminho do êxito.”

(Charles Chaplin)

RESUMO

As lutas das mulheres estão presentes em nossa sociedade desde o século passado, e essas lutas continuam ocorrendo com muita intensidade atualmente, podemos perceber que embora diariamente haja muitas mudanças, os problemas continuam na busca por direitos e equidade das mulheres. Buscou-se neste trabalho as analogias da obra literária *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, de 1890, e as lutas das mulheres no século XX, com objetivo de comparar as lutas pela sobrevivência de personagens femininas na obra “O cortiço” com as lutas atuais das mulheres. O desenvolvimento deu-se por meio da pesquisa bibliográfica em leituras e análises baseadas em autores que abordam sobre o tema, pautado no olhar histórico e social presentes na narrativa da obra literária em questão. O presente trabalho apresenta grande relevância para a sociedade, e em especial às mulheres, pois pode servir de meio para que elas mesmas percebam o quanto é importante a luta das mulheres durante historicamente, na literatura e como isso se reflete nas vidas delas hoje. A partir dessa análise, foi possível constatar que os preconceitos direcionados às mulheres no século XIX, ainda são sofridos até hoje e a lutar por existência cresce à medida em que a sociedade se desperta, na medida em que a sociedade feminina luta pelos seus direitos e igualdade, e estes movimentos de mulheres, apesar de todas as dificuldades, propiciam visibilidade social e conquista de direitos, permitindo um processo de construção de relações sociais mais igualitárias em termos de classes, cor e gênero.

Palavras-chave: O cortiço. Luta das mulheres. Figura feminina. Igualdade.

ABSTRACT

Women's struggles have been present in our society since the last century, and these struggles continue to occur with great intensity today, we can see that although there are many changes daily, problems continue in the search for women's rights and equity. In this work, analogies were sought from the literary work *O Cortiço*, by Aluísio de Azevedo, from 1890, and the struggles of women in the 20th century, with the aim of comparing the struggles for survival of female characters in the work “*O cortiço*” with the struggles current women. The development took place through bibliographical research in readings and analyzes based on authors who address the theme, based on the historical and social perspective present in the narrative of the literary work in question. The present work has great relevance for society, and especially for women, as it can serve as a means for them to realize how important the struggle of women is historically, in literature and how this is reflected in their lives today. From this analysis, it was possible to verify that the prejudices directed at women in the 19th century are still suffered today and the struggle for existence grows as society awakens, as female society fights for its rights and equality, and these women's movements, despite all the difficulties, provide social visibility and the conquest of rights, allowing a process of construction of more egalitarian social relations in terms of classes, color and gender.

Keywords: The tenement. Women's fight. Female figure. Equality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Justificativa.....	8
1.2	Objetivo.....	9
1.2.1	Geral.....	9
1.2.2	Específico.....	10
1.3	Metodologia	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1	Estilo literário característico da obra	12
2.2	O autor e suas obras	14
2.3	A luta feminista	15
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
3.1	Análise da obra “O Cortiço”.....	17
3.1.1	O Enredo	19
3.1.2	As personagens	20
3.2	A mulher em “O Cortiço”	21
3.2.1	As faces e a significância das mulheres na Obra	22
3.3	A mulher em “O Cortiço” ficção e realidade: Um paralelo entre a luta das mulheres de o cortiço e as lutas femininas do século XXI	24
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

As lutas das mulheres estão presentes em nossa sociedade desde o século passado, e essas lutas continuam ocorrendo com muita intensidade atualmente, podemos perceber que embora diariamente haja muitas mudanças, os problemas continuam na busca por direitos e equidade das mulheres. Dessa forma, na narrativa do livro “O Cortiço”, de Aluísio (1890) é visível essa luta existente das mulheres, onde elas lutam para que possam sobreviver em meio a uma sociedade patriarcal, sendo que a luta dessas mulheres, não são somente por elas, mas também pelos filhos.

O cenário da Obra de Aluísio de Azevedo é propício para que se possa refletir sobre a crítica social do Realismo brasileiro e da construção narrativa das lutas no século XIX, já que a obra acontece em um cortiço, onde morava várias mulheres, que lutavam diariamente pela sua sobrevivência, as mesmas eram escravizadas e subjugadas pelos seus maridos e até mesmo pelos seus possíveis patrões, algumas mulheres necessitavam se prostituir para que ali conseguisse sobreviver em meio a uma sociedade completamente preconceituosa e machista, assim, com a ambientação da obra pode-se compreender melhor as lutas femininas do passado e como elas encontram evoluídas atualmente nas lutas de movimentos feministas.

Nesse contexto, a mulher do século passado, era vista apenas como uma procriadora, a dona do lar, a que vivia em função do marido e filhos, não podendo na maioria dos casos desobedece-lo, sem o direito de sair para trabalhar. A mulher era vista apenas como aquela que estava ali apenas para servir o homem, o lar e os filhos. Percebemos que atualmente os casos de mulheres que vivem nessa situação que foi citada acima reduziu bastante em termos de números, isso só foi possível devido as lutas que foram engajadas diariamente por mulheres subversivas e levam a perceber o quanto a mulher pode e deve continuar lutando cada vez mais pelos seus direitos, para que possamos cada dia mais, serem reconhecidas em nossa sociedade.

Na obra em questão, podemos perceber também que as mulheres já lutavam pela sua independência financeira, assim como atualmente muitas mulheres já são completamente independentes, assim como na narrativa existem mulheres que são oprimidas e humilhadas tanto pelo marido quanta pela sociedade.

1.1 Justificativa

O presente trabalho apresenta grande relevância para a sociedade, e em especial às mulheres, pois pode servir de meio para que elas mesmas percebam o quanto é importante a

luta das mulheres durante historicamente, na literatura e como isso se reflete nas vidas delas hoje. Além disso, será relevante para mim como estudante, assim como para o meio acadêmico, uma vez que esse estudo pretende se inserir em estudos literários que reflitam a crítica social de autores do Realismo brasileiro como Azevedo, procurando contribuir para as implicações sociais na narrativa da obra, isto é, uma conjugação de estudos literários com pesquisa social, bem como para a Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, para a comunidade onde resido, como também para a educação em geral por refletir criticamente a obra de Azevedo a partir de questões de desigualdade social, desigualdade de gênero, para que a população de forma geral, as mulheres e os homens principalmente percebam o quão é importante a independência financeira da mulher, sendo ela sua companheira ou não, pois busca mostrar a evolução das conquistas dos direitos femininos, além de delimitar os preconceitos ainda existentes, mesmo na sociedade tão moderna em que vivemos.

Diante dessas questões, algumas problemáticas nas lutas das mulheres persistem: o mercado de trabalho brasileiro ainda é injusto e abusivo com as mulheres tanto em relação às vagas disponíveis, quanto aos salários pagos pelos empregadores. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), relativa ao 4º trimestre de 2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego no período foi de 11,6%, mas com diferenças significativas entre homens (10,1%) e mulheres (13,5%).

As mulheres trabalham, em média, 7,5 horas a mais que os homens por semana devido à dupla jornada, que inclui tarefas domésticas e trabalho remunerado. Apesar da taxa de escolaridade das mulheres ser mais alta, a jornada também é.

Observa-se a partir desses dados que é de suma importância falarmos da figura da mulher na sociedade, pois mesmo com a evolução do homem e das tecnologias, a mulher ainda é vista como inferior. Sendo assim, essa pesquisa é viável, pois irá mostrar a necessidade que temos de continuarmos lutando pela igualdade social e reconhecimento feminino na sociedade. Portanto, com essa pesquisa iremos levantar o seguinte questionamento, quais as lutas das personagens femininas na obra “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo implicam uma denúncia sobre a situação das mulheres do século XIX e podem ajudar a compreender as lutas das mulheres na atualidade?

1.2 Objetivo

1.2.1 Geral

Comparar as lutas pela sobrevivência de personagens femininas na obra “O cortiço” com as lutas atuais das mulheres.

1.2.2 Específico

- a) Analisar criticamente a construção das personagens femininas na obra o cortiço e suas implicações narrativas;
- b) Investigar as lutas femininas em fontes históricas sobre a situação das mulheres no século XIX;
- c) Relacionar essas lutas com as novas lutas de mulheres a partir de movimentos feministas.

1.3 Metodologia

A natureza dessa pesquisa tem por intento ser básica nos conformes de Prodanov e Freitas (2013, p. 51): “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”, o que se mostra coerente com a proposta do trabalho em contribuir para perspectiva social nos estudos literários, uma contribuição teórica que envolve interesses universais como as lutas das mulheres. Sendo que essa natureza se caracterizará por uma abordagem qualitativa, segundo a qual, para Triviños (1987, p. 175): “não existe preocupação com números, medidas ou expressões quantitativas, expressando uma visão mais subjetiva dos atores envolvidos”. Essa subjetividade estará presente no trabalho pela leitura analítica e crítica da obra de Azevedo e da reflexão social proveniente.

Quanto aos objetivos, a pesquisa se pretende como explicativa porque:

(...) Quando o pesquisador procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados. Visa a identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos; “aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas.” (GIL, 2010, p. 28 apud PODRANOV & FREITAS 2013).

Assim, este trabalho ressalta o objetivo geral de comparação entre as lutas presentes na obra “o cortiço” com as lutas atuais por meio de uma análise que procura compreender a construção narrativa de personagens femininas com as demandas de movimentos feministas na atualidade.

Desse modo, a pesquisa se realizará primeiramente pela leitura e releituras do corpus de análise, a obra “O cortiço” do escritor maranhense Aluísio de Azevedo, buscando registrar as personagens femininas, os personagens orbitados em torno delas, caracterizando os aspectos físicos, sociais e psicológicos à luz de teorias (sociológicas e fisiológicas) literárias que englobem o texto narrativo a partir dos fenômenos sociais e da pesquisa bibliográfica em fontes históricas sobre a vida da mulher brasileira do século XIX, bem como das pautas dos movimentos feministas atuais para uma comparação e reflexão crítica de como a narrativa descritiva de Azevedo denota uma denúncia social da situação precária das mulheres, para sobreviver em um mundo cheio de dificuldades e como ela está presente em mudanças nas lutas femininas atuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estilo literário característico da obra

A obra *O Cortiço* de Aluísio Azevedo (1890), objeto de estudo do trabalho em questão, pertence ao momento literário Realista-Naturalista, sendo considerada a melhor representação deste movimento no Brasil.

Na obra, percebe-se a descrição fiel e esmiuçada da vida em todos os aspectos tal como o objetivo dos escritores naturalistas, o realismo aparece para representar a realidade contemporânea da época em que as obras realistas foram produzidas e, ao transfigurá-la, passa a representar a vida, a sociedade e o homem universal. O romance foi escrito perante a um cenário de relevantes transformações como a Abolição da escravatura e a Proclamação da República, portanto, a obra registra o efervescente desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro e descreve a sociedade carioca e suas relações sociais.

Características do romantismo, como subjetividade e sentimentalismos são deixadas de lado, pois o realismo é uma reação contrária ao romantismo, enquanto um, romantismo, buscava o ápice dos sentimentos, o outro, realismo, buscava analisar e expor o caráter humano, criticá-lo. Na insubordinação aos ideais românticos, bastante relacionado as pessoas de classe alta, o realismo surgiu na análise da vida dos humildes, das pessoas comuns daquela época. Segundo Afrânio Coutinho:

É impossível uma definição completa do Realismo, que é antes um temperamento, uma tendência, um estado de espírito, do que um tipo ou gênero literário acabado. Ele existe sempre que o homem prefere deliberadamente encarar os fatos, deixar a verdade dite a forma, e subordinar os sonhos ao real (COUTINHO, 2004, p. 10).

Para o entendimento da literatura realista faz-se necessário a compreensão do contexto histórico, no qual o realismo surgiu, pois a segunda metade do século XIX é marcada por diversas transformações políticas, econômicas e culturais. Com a Revolução industrial iniciando uma nova fase, marcada, pelo emprego da eletricidade, do uso do aço e petróleo. O capitalismo se moderniza, com o nascimento de grandes complexos industriais, em contrapartida, tem-se a formação da população explorada e marginalizada, que não se beneficiava pelo progresso industrial (COUTINHO, 2004).

Contemporâneo ao realismo, surge o movimento naturalista, com a publicação da obra *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo. Embora a afinidade do naturalismo com o realismo em

relação à crítica social, o naturalismo difere-se por analisar o homem em uma perspectiva biológica, adquirindo uma postura cientificista, no qual o escritor utiliza sua obra para realizar experiências científicas com os personagens criados (COUTINHO. 2004).

Para Afrânio Coutinho:

... a palavra Naturalismo é formada de Natural+ ismo, e significa, em filosofia, a doutrina para a qual na realidade nada tem um significado supernatural, e, portanto, as leis científicas, e não as concepções teológicas da natureza, é que possuem explicações válidas; em literatura, é a teoria de que a arte deve conformar-se com a natureza, utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e das personagens.” (COUTINHO, 2004, p. 11)

Com a ciência e a industrialização tornando-se realidade na vida das pessoas, novos desafios são lançados para os escritores, que passaram a observar o homem de maneira objetiva, analisando-os cientificamente, surgindo desta forma os personagens patológicos, como: pessoas adúlteras, com distúrbios psicológicos, alcoólatras, assassinos, prostitutas, dentre outros. Em síntese, os personagens começam a surgir com doenças, patologias e/ou algum desvio de caráter presente na sociedade da época.

É importante ressaltar, que para adotar uma postura mais científica nas análises sociais, os escritores tiveram como base posturas filosóficas ideológicas, sendo elas bases para o movimento realista-naturalista, dentre elas, pode-se destacar: o Determinismo que determina que o comportamento humano é resultado da raça, do meio, e do momento; o Positivismo que defende conhecimento empírico, baseado na observação, experimentação e comparação; o Socialismo Utópico, avesso à luta política propõe a organização dos pequenos produtores em associação de auxílio mútuo; o Evolucionismo, que possui como teoria a evolução das espécies através da seleção natural, e o Experimentalismo, o qual propõe que a verdade científica só poderia ser concebida como tal após sua comprovação experimental ou laboratorial.

Em suma, o realismo registrou a história do fim do Império brasileiro enquanto o Naturalismo descreveu olhares sobre este meio; um com caráter psicológico e outro com caráter sociológico. Realismo e Naturalismo andaram de mãos dadas, pois ambos retrataram o comportamento humano e a forma como o meio o influencia. O Realismo apontou aspectos e o Naturalismo denominou posições para estes.

2.2 O autor e suas obras

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), escritor brasileiro, autor de alguns romances, no qual denominou de romances comerciais, pois eram os mais vendidos de suas obras. Suas maiores obras foram os romances naturalistas como, “O Mulato”, “Casa de pensão” e “O cortiço”. O escritor foi pioneiro do movimento naturalista no Brasil. Foi também caricaturista, jornalista e diplomata. E é membro fundador da cadeira nº. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Aluísio de Azevedo, natural de São Luís, Maranhão, nascido no dia 14 de abril de 1857. Em 1871 matriculou-se no Liceu Maranhense e dedicou-se ao estudo da Pintura. Aos 17 anos, foi levado para o estado do Rio de Janeiro, pelo seu irmão, o teatrólogo e jornalista Artur Azevedo, logo deu início aos seus estudos na Academia Imperial de Belas-Artes, onde revelou seus dons para o desenho, passando assim a colaborar, com caricaturas e poesias, em jornais e revistas locais.

No ano de 1879, com a morte de seu pai, Aluísio retorna a São Luís e dedica-se a literatura, publicando em 1880, o seu primeiro romance denominado de “Uma Lágrima de Mulher”, onde se mostra exageradamente sentimental e de estilo romântico.

Em 1881 publica o romance O Mulato, onde observa-se o abandono as tendências românticas no qual era formado, com esta obra tornou-se percussor do movimento realista-naturalista no Brasil, influenciado por Eça de Queirós e Émile Zola.

A obra denunciava o preconceito racial existente na burguesia maranhense, porém após a reação negativa da sociedade maranhense, Aluísio retorna para o estado do Rio de Janeiro, onde passou a viver com a publicação de folhetins românticos a alguns relatos naturalistas.

Azevedo mostrava-se preocupado com a realidade o qual se encontrava, e deixou isso evidenciado em suas obras, nas quais seus temas prediletos abordados eram a luta contra o preconceito racial, o adultério, as lutas sociais, os vícios e o povo humilde.

Na obra O Cortiço, Azevedo retrata o aumento da população no Rio de Janeiro e o aparecimento de núcleos habitacionais, denominados cortiços, onde se aglomeravam trabalhadores e gente de atividades incertas. Tudo se acerca de uma áurea de trivialidade, influenciados pelo meio pode-se dizer então que o grande personagem do romance é o próprio cortiço.

No ano de 1895, Azevedo ingressou na carreira diplomática e atuou como cônsul brasileiro no Uruguai, Paraguai, Argentina, Japão, Inglaterra, Itália e Espanha. Aluísio Azevedo

faleceu no dia 21 de janeiro de 1913, em Buenos Aires na Argentina, deixando como herança suas obras:

- a) Uma Lágrima de Mulher, romance, 1879;
- b) Os Doidos, teatro, 1879;
- c) O Mulato, romance, 1881;
- d) Memórias de um Condenado, romance, 1882;
- e) Mistérios da Tijuca, romance, 1882;
- f) A Flor de Lis, teatro, 1882;
- g) A Casa de Orates, teatro, 1882;
- h) Casa de Pensão, romance, 1884;
- i) Filomena Borges, romance, 1884;
- j) O Coruja, romance, 1885;
- k) Venenos que curam, teatro, 1886;
- l) O Caboclo, teatro, 1886;
- m) O Homem, romance, 1887;
- n) O Cortiço, romance, 1890;
- o) A República, teatro, 1890;
- p) Um Caso de Adultério, teatro, 1891;
- q) Em Flagrante, teatro, 1891;
- r) Demônios, contos, 1893;
- s) A Mortalha de Alzira, romance, 1894;
- t) O Livro de uma Sogra, romance, 1895;
- u) Pegadas, contos, 1897;
- v) O Touro Negro, teatro, 1898.

2.3 A luta feminista

O conto compõe a coletânea “contos”, publicada em 1902, apresenta aspectos do realismo, a nova tendência literária, sua temática aborda questões sociais, fazendo uma crítica a burguesia e romantismo.

Para construção deste referencial teórico apresentaremos a ideia da autora Heleith I.B. Saffioti (1934-2010), que irá corroborar para o trabalho em questão.

Os movimentos feministas só são o que são hoje porque foram o que foram no passado. Hoje nós podemos questionar as bases do pensamento ocidental porque houve um grupo de mulheres que queimou sutiãs em praças públicas. O sutiã simbolizava uma prisão, uma camisa de força, a organização social que enquadra a mulher de uma maneira e o homem de outra. A simbologia é essa: vamos queimar a camisa de força da organização social que aprisiona a mulher (SAFFIOTI, 2007, p.27).

Dito isso, Saffioti (2007), afirma, que as lutas que já foram alcançadas nos dias de hoje, chegaram a esse ponto, pois nos anos anteriores já houve lutas pelos direitos iguais, o protesto em que as mulheres queimam o sutiã, hoje nos remete a “liberdade” – liberdade essa que ainda não serve para todas as mulheres, mas para a maioria sim, ainda temos muitas que vivem em uma prisão conjugal.

Já para Beauvoir, escritora francesa e fundamental para as ideias feministas, desde os anos 50, que explodiram na década de 60 do século passado (1908 – 1986): “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 1949, pg. 50), ou seja, para ela, a mulher é usada como objeto pessoal do homem, por mais que seja inconsciente esse ato na mulher.

Melo refere-se que a desigualdade existente em nossa sociedade ainda, já vem com luta travada a muitos anos, para essa mudança somente as leis não serão suficientes, que essa mudança exige muito mais que leis e sim trabalhos psicológicos em nossa sociedade.

[...] alcançar a igualdade de gênero é um processo vagaroso e ao mesmo tempo desafiador pelo fato de o mesmo estar arraigado nos valores, crenças e práticas de uma sociedade, o que requer muito mais do que mudanças em leis ou políticas públicas, ou seja, são necessárias mudanças de práticas nas famílias, nas escolas, nas comunidades, bem como nos processos de tomada de decisão, tanto no âmbito público, como no político e no organizacional e, principalmente, no que se refere ao próprio sujeito (MELO, 2011, p.1).

De encontro com eles vem Rousseau, escritor do século XVIII, que tem uma ideia totalmente diferente sobre as mulheres. Para Rousseau, o homem deve ser ativo e forte, a mulher passiva e fraca; “é preciso necessariamente que um queira e possa; basta que o outro resista pouco” (p.516). Ele afirma que devemos ser fracas e submissas aos homens, nos remetendo bastante as mulheres do cortiço, do século XIX.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Análise da obra “O Cortiço”

A narrativa *O Cortiço* é uma obra de Aluísio de Azevedo que apresenta severidade científica da realidade e a manifestação sublime do naturalismo brasileiro. O livro é dividido em 23 capítulos que relatam a vida em moradias coletivas de pessoas pobres no Rio de Janeiro. Além disso, a obra reúne um enredo baseado nos personagens, na sequência e na descrição muito precisa, em que a cena coletiva e o tipo psicológico, fazem do cortiço (que apresenta características personificadas) o personagem mais conveniente desse romance naturalista. Nesse viés *O Cortiço* tenta compreender mais profundamente a influência do pensamento, do ambiente, da raça e de momentos históricos dos personagens, os quais são reflexos da sociedade configurada no século XIX.

Em linhas gerais, o romance demonstra basicamente duas condutas. Uma delas trata das questões sociais e a outra aborda as questões sentimentais, não propriamente sentimento de amor, mas de desejo, o que denota uma característica forte do Naturalismo. No caso das questões sociais, tem-se como maior representante a personagem João Romão, que se torna um grande comerciante passando por cima de tudo e todos.

Sendo Romão o personagem principal e um homem obstinado em mudar sua condição social, no início do romance, ele se aproxima da quitandeira Bertoleza. A vendedora é crioula, escrava de um velho cego de Juiz de Fora e possui a quitanda mais bem afreguesada do bairro. Bertoleza sobrevivia vendendo peixe frito, em frente à venda de João Romão. Ao se aproximar da escrava, Romão conquista a sua confiança e os dois se tornam amantes. Nesse contexto, o protagonista rouba as economias de Bertoleza, se apodera de sua venda e usa do sentimento a seu favor o sentimento nutrido pela mulher.

Já nas questões sentimentais, tem-se a personagem de Jerônimo, que se casa com a Rita Baiana, mas não por amor. Ele se envolve com ela por se sentir atraído sexualmente. O seguinte trecho de *O Cortiço*: “Afigurou-se lhe estar nos braços de uma amante apaixonada; descobriu nela o capitoso encanto com que nos embebedam as cortesãs amestras no gozo venéreo.” (AZEVEDO, 2012, p. 09), revela a abordagem de um tema que choca a sociedade, nesse trecho tanto o homem quanto a mulher são desnudos de idealização e representados com características animais por desejo sexual.

Assim, através de uma representação crua das relações sociais, que na obra são puramente movidas por interesse individual, têm-se uma crítica social, onde o ser humano é

descrito de forma real, vestido de suas ambições e instintos. Assim, o autor mostra que as pessoas são capazes de qualquer ato para alcançar seus objetivos, por mais danosas que possam ser as consequências.

Desse modo, contrapondo-se ao Romantismo, escola literária que sucedera, o Naturalismo na Obra de Aluísio de Azevedo apresenta as personagens sobre uma ótica verossímil, onde a mulher, por exemplo, se desmonta da figura idealizada, como descrita por Candido e Castello (1997, p. 159) “a imagem da mulher triparte-se na mulher-pureza que enobrece com o seu amor sincero; na mulher-sedução que se torna corruptora; e naquela que, envelhecida pode ser redimida pelo amor” e se reconfigura em um ser real, com ambições e desejos.

O romance aborda também aspectos existentes na realidade da mulher do século XIX, aspectos esses que ainda podem ser observados nos dias de hoje, como: submissão feminina, a solidão da mulher negra e periférica, ambição e a supressão da autonomia feminina por um cônjuge. Essas características podem ser evidenciadas nos trechos a seguir:

“E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança do espírito da mulher, que esta, afinal, nada mais resolvia só por si e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão (AZEVEDO, p.05, 2012)”

A partir da leitura desse fragmento, evidencia-se a maneira que protagonismo de Bertoleza em suas vendas foi sendo usurpado por João Romão, o que tornou a mulher negra e periférica totalmente dependente de um falso amor. Em outra passagem da Obra, destaca-se a submissão da personagem feminina sob as vontades de Romão.

“(...) João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte e, à noite, lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal, para o meio da rua, com tamanha habilidade que não se ouvia vislumbre de rumor. Depois, um tomava uma carga e partia para a casa, enquanto o outro ficava de alcateia ao lado do resto, pronto a dar sinal em caso de perigo; e, quando o que tinha ido voltava, seguia o companheiro, carregado por sua vez. (AZEVEDO, 2012, p. 07).”

Por fim, a obra apresenta uma narrativa em terceira pessoa, com um narrador onisciente. Demonstrando assim a busca por situações mais próximas da realidade, visto que, de acordo com Bosi (2006, p. 189), “a ótica naturalista capta de preferência a mediocridade da rotina, sestros e mesmos as taras do indivíduo, ela não será por isso menos verossímil que a opção contrária dos românticos”.

3.1.1 O Enredo

A trama de "O Cortiço" passa pela história de João Romão, que luta para enriquecer e ascender socialmente a todo o custo. Ele possui uma venda, uma pedreira e é dono do cortiço, onde se passa a história.

As moradias simples do cortiço são majoritariamente alugadas pelos trabalhadores da pedreira, os quais fazem suas compras na venda de João Romão. Detentor desse monopólio, o ambicioso personagem busca enriquecer rapidamente. Com esse objetivo, João Romão, economiza tudo o que recebe e explora pessoas sem escrúpulos. Um exemplo disso, como já mencionada, é o relacionamento abusivo entre o referido personagem e a Bertoleza, uma escrava fugida para quem João Romão falsifica um documento de alforria. No entanto, em vez de conquistar a liberdade a personagem passa a ser explorada pelo próprio João Romão.

Outro ambiente no qual a história se passa, é o rico sobrado do personagem Miranda. O citado personagem possui muito prestígio social e vive em um pomposo sobrado, ao lado do cortiço, o que destaca a desigualdade social do Rio de Janeiro.

À medida que João Romão enriquece, Miranda considera oferecer-lhe a mão de sua filha Zulmira em casamento, para assim unir as riquezas. Essa questão demonstra o elitismo social o que fomenta e perpetua os privilégios do capital. Isso faria com que ele cumprisse seu objetivo de atingir um patamar superior na hierarquia social, para além da ascensão econômica.

Vale ressaltar que o cenário é descrito em detalhes que remetam a sujeira, podridão e promiscuidade, com a intenção crítica de mostrar a miséria do proletariado urbano, sem esconder a náusea que o narrador sente diante da realidade que revela, mas posicionando-se de maneira solidária junto ao povo do cortiço:

Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras... o prazer animal de existir. E naquela terra, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhoca a esfervilhar, a crescer, uma coisa viva, uma geração que parecia espontânea, multiplicar-se como larvas no esterco. (AZEVEDO, 2012, p.222)

Vários episódios de diferentes moradores do cortiço são contados de forma intercalada com esse enredo. A partir das histórias desses personagens, o autor defende sua tese naturalista, segundo a qual o meio em que a pessoa está inserida molda seus comportamentos.

Um exemplo disso é a vida de Jerônimo, um operário português que trabalha na pedreira. Quando chega ao cortiço, Jerônimo é uma pessoa honesta, trabalhadora, disciplinada e

moralmente admirável. É casado com uma moça também portuguesa de nome Piedade e com ela têm uma filhinha.

Ao se expor ao ambiente de degradação do cortiço, porém, ele se transforma: apaixona-se pela mulata Rita Baiana, descrita como sensual. Por ela, Jerônimo deixa a família e chega até mesmo a cometer um assassinato.

Outro caso de degradação através do meio é a história de Pombinha. No início da narrativa ela é uma moça culta e inocente que aguarda a primeira menstruação para que possa se casar. Seduzida pela prostituta Léonie, ela foge para viver com a amante e se torna prostituta.

O próprio cortiço, personagem principal do livro, também evolui juntamente com a evolução social de seu dono João Romão. Durante a história, ele passa por reformas e sua aparência e estrutura se tornam mais agradáveis. Aqueles que nele passam a morar, consequentemente, são mais ordeiros e de um nível social superior.

Assim, os personagens pobres e degradados que conhecemos se mudam para outro cortiço de estrutura inferior. Com isso, ao final, Aluísio Azevedo tenta provar que a lei do mais forte é a que predomina naquela estrutura social.

3.1.2 As personagens

Em *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo, descreve a sociedade brasileira da época, formada pelos portugueses, quem participavam da burguesia, os negros e os mulatos, que eram escravos e foram jogados à margem da sociedade. De modo geral, o autor revela que a sociedade do século XIX era composta por pessoas em constante busca por dinheiro, poder e por sobrevivência.

As personagens dessa obra são psicologicamente superficiais, mas marcados por extrema característica naturalista. O seguinte trecho “a mulher percebeu a situação e não lhe deu tempo para fugir; passou-lhe rápido as pernas por cima e, grudando-se lhe ao corpo, cegou-o com uma metralhada de beijos” (AZEVEDO, 2012, p.25), evidencia essa questão, visto que os personagens agiam por impulso afim de garantir sua existência.

Ressalta-se a relevância do Cortiço como uma personagem que envolve todas as outras. Ademais, seguem as outras figuras dessa obra:

João Romão é um português capitalista que veio para o Brasil com o intuito de enriquecer de modo exacerbado; portanto, representa o capitalista explorador. Esse personagem privava-se do luxo, gastando apenas com aquilo que lhe traria mais dinheiro; foi assim que começou a comprar o terreno para construir o Cortiço.

Miranda é um português que veio para o Brasil e mora em um sobrado ao lado do cortiço, portanto, o vizinho rico de João Romão. Assim, representa a burguesia.

Estela, esposa de Miranda, trai o marido com caixeiros e com Henriquinho.

Piedade de Jesus, esposa de Jerônimo, figura a típica mulher europeia, acaba se entregando a bebida depois que o marido a troca por Rita Baiana.

Rita Baiana, mulata sedutora, é amiga de todos no cortiço. Tinha um caso com Firmo, depois sai do cortiço e se envolve com Jerônimo.

Jerônimo é outro português que também veio para o Brasil, na obra é visto como um trabalhador bastante disciplinado, pai exemplar “cavouqueiro”, trabalha na pedreira de João Romão.

Bertoleza, quitandeira, vive com João Romão e é uma escrava que pensa ter comprado sua liberdade, trabalha como uma máquina, portanto, representa o trabalhador escravo.

Firmo, amante de Rita Baiana, é assassinado por Jerônimo.

Pombinha, moça que discreta e educada que termina entregue à prostituição.

Albino mora no cortiço, é lavadeiro e homossexual.

Dona Izabel, mãe de Pombinha, viúva lavadeira, espera que o casamento da filha a tire definitivamente do cortiço.

Leonie, prostituta de luxo seduz Pombinha e depois se tornam companheiras.

Botelho, amigo de Miranda, vive na sua casa na condição de parasita.

Leandra, apelidada de machona, é mãe de das dores, neném e Agostinho, é lavadeira.

Das dores, filha de machona e amiga de Rita.

Zulmira, filha de Miranda e Estela.

Henrique, filho de fazendeiro, cliente de Miranda, hospedado na casa de Miranda tem um caso com Estela.

3.2 A mulher em “O Cortiço”

No Naturalismo a mulher deixa de ser idealizada como no Romantismo e passa a ser representada sob uma outra ótica, na qual, seus defeitos e desejos são apresentados. Vale destacar um exagero nessas características, mas se contrapondo aos excessos Românticos, onde as mulheres eram descritas como perfeitas de acordo com o agrado masculino, o Naturalismo exacerba a mulher de características animais e até mesmo de forma patológica.

As personagens na obra são uma representação típica da situação vivida pelas mulheres de modo geral e anacrônico, a violência de gênero é marcada na obra através de relações

abusivas. No que se refere a mulher negra essa violência se expressa também em suas moradias, no trabalho exercido, no tratamento pessoal e pela forma como eram vistas aos olhos da elite burguesa num contexto de marginalização social.

No contexto da Obra estudada é possível categorizar as mulheres nas seguintes faces: Solteiras, Trabalhadoras, Submissas e Mães. Essas características são combustíveis de luta por existência travada entre as personagens e o meio no qual estão imersas

3.2.1 As faces e a significância das mulheres na Obra

As personagens na obra são uma representação típica da situação vivida pelas mulheres de modo geral e anacrônico, a violência de gênero é marcada na obra através de relações abusivas. No que se refere a mulher negra essa violência se expressa também em suas moradias, no trabalho exercido, no tratamento pessoal e pela forma como eram vistas aos olhos da elite burguesa num contexto de marginalização social.

A personagem Rita Baiana é uma mulher hipersexualizada na Obra. Por ser fruto da miscigenação entre negro e branco, suas características físicas são exaltadas de maneira sexual, salientando o estereótipo de “mulata”. Nesse contexto, Rita, se mostra emocionalmente independente ao defender seu status solteira, apesar de todo preconceito direcionado a esse posicionamento. “Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai a filha do meu pai! Casar? Livra! Para quê! Para arranja cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava!” (AZEVEDO, p.34, 2012).

Ainda entre as solteiras, Leónie e Pombinha, representavam (cada uma a seu modo), as desigualdades trabalhistas. Em uma sociedade onde a mão-de-obra feminina não era valorizada, as mulheres que não conseguiam casar-se, viam na prostituição um sustento. Nesse enredo, Leónie instigava as mulheres mais ingênuas, que tinham a convicção de que se não pudessem ser santas, o que lhes restavam eram ser prostitutas. Pombinha, afilhada de Leónie, foi aliciada pela madrinha para começar a se prostituir.

A sociedade da época, como a de hoje, hostilizava as prostitutas, apesar de não relegar o mesmo tratamento para os que se beneficiam e financiam com a prostituição.

(...) “A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída meter-selhe na boca. A pobre mãe chorou a filha como morta. (...) O cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria. (AZEVEDO, 2012.p.134 a 135).

Nesse destarte, as mulheres solteiras da Obra travam uma batalha por sua autonomia, pelos seus direitos sobre suas vidas e seus corpos. Rita Baiana abomina o casamento com o argumento de que se casar é tornar-se cativa, em contrapartida, por não conseguirem tal cativo, Leónie e Pombinha, buscam na prostituição autonomia financeira.

Havia no cortiço mulheres que exerciam atividades consideradas tradicionalmente femininas, como as lavadeiras, que conquistavam sua independência financeira através desse trabalho. Na obra encontramos: Ana das Dores “a das dores” residia sozinha em um casebre separado do cortiço, porém sua família morava toda na moradia. E tinha Neném que era alta, magra e forte e mais Augusta Carne-Mole que era branca, brasileira e esposa de Alexandre, um soldado da polícia mulato e quarentão. E Leandra que era “machona” e tinha duas filhas uma casada e a outra desquitada, tinha um temperamento forte. Além das lavadeiras, a história apresenta a quitandeira Bertoleza que ganhava a vida com suas vendas.

Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria (AZEVEDO, 2012.p.1 a 2).

As mulheres supracitadas tinham um trabalho árduo e pouco reconhecido e é evidente que a maioria delas sustentava o lar e dividiam-se entre os afazeres domésticos e os trabalhos pouco remunerados. Até os dias de hoje não há uma valorização da mão-de-obra feminina e a remuneração tende a diminuir à medida que a pele escurece. Vale frisar a dupla jornada de trabalho, além de buscarem o sustento financeiro, as mulheres ainda são responsabilizadas pelo cuidado do lar e da família.

A personagem Bertoleza também pode ser apontada como a face da submissão feminina por se envolver em um relacionamento abusivo com João Romão. Essa relação era pautada nos interesses inescrupulosos do homem, que além de roubar as economias de Bertoleza, aí a submetia a restrições básicas incentivando-a a economizar tudo o que fosse possível.

E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança do espírito da mulher, que esta, afinal, nada mais resolvia só por si e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio nem mais se dava ao trabalho de procurá-la ia logo direto a João Romão. (AZEVEDO, 2012. P.05).

Além disso, João sentia-se envergonhado da presença de Bertoleza por ela ser negra. Seu objetivo era enriquecer a custa dela e depois a entregar a seu dono, pois ela ainda vivia em estado de escravidão. João tinha por Bertoleza um sentimento de antipatia, a sua vontade era

casar-se com uma mulher branca. Assim, ele denuncia Bertoleza para a polícia traindo aquela que sempre dedicou sua vida por ele

Esse tipo de relação ainda é muito comum atualmente e quando se trata de mulheres negras, como Bertoleza, os relacionamentos amorosos têm maior facilidade em serem abusivos. A mulher negra acaba por viver em solidão ou admitir uma relação furtiva, limitada ao sexo, ou a outros interesses.

Uma das características também marcantes das mulheres encontradas na obra “O cortiço”, é a maternidade, na qual a personagem dona Isabel cuida pacientemente de sua filha, preparando-a para ter um bom casamento instigando-a a manter-se aparentemente bela, de maneira que era considerada a flor do cortiço, a fim de proporcionar-lhe um futuro melhor.

Isabel sacrificou tudo para educar sua filha Pombinha que era muito doentinha dando-lhe mestre até de francês (...). A filha era a flor do cortiço. Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa a último ponto; loira, muito pálida, com os modos de menina de boa família (AZEVEDO, 2012.p.20 a 21).

Outra personagem era dona Leandra, mesmo sendo viúva cuidava de seus filhos como mãe e pai, exercendo a tarefa de lavadeira para sustentar sua família. “Leandra tinha três filhos; Ana das Dores, Neném e Agustinho, sua filha Das dores morava em uma casa afastada, mas que ainda fazia parte do cortiço” (AZEVEDO, 2012.p.20).

Se opondo a esse amor maternal, Estela enxergava a maternidade como um fardo e não amava a sua filha como deveria, de acordo com as imposições sociais. “Estela amava-a menos do que lhe pedia o instinto materno por supô-la filha do marido, e este a detestava porque tinha convicção de não ser seu pai” (AZEVEDO, 2012.p.8).

3.3 A mulher em “O Cortiço” ficção e realidade: Um paralelo entre a luta das mulheres de o cortiço e as lutas femininas do século XXI

Santos (2018), afirma que Aluísio de Azevedo apresenta, em seu romance, personagens com características marcantes e os coloca em situações que expõem toda a proximidade de comportamento que o ser humano pode ter dos animais, como a natureza humana pode ser vil em episódios na ficção que podem ser tão corriqueiros no plano da realidade a ponto de levar o leitor a reflexão sobre as relações sociais nas quais estão imersos.

Nesse escopo, infere-se que a literatura ultrapassa seu papel de entreter e exerce também a função retratar as características sociais do período no qual está inserida. Mesmo sendo uma

narrativa de ficção, a literatura retrata as condições socioculturais na qual está envolvida. Assim, pode ser concebida uma interpretação política da realidade. Visto que, os elementos sociais e históricos são a base central para a produção literária ficcional.

Em *O Cortiço*, o é possível destacar as experiências das mulheres no final do século XIX, em especial das mulheres negras, as quais, em todos os contextos são subjugadas socialmente, frente a cultura eurocêntrica. Ressaltando-se o engajamento do autor em debates abolicionistas, ele possuía um olhar empático sobre as mazelas vividas pela população negra no Brasil, sendo assim, aclamado por seus pares.

É importante mencionar que nesse momento histórico a luta feminista surgia nas falas de mulheres brancas que, nos Estados Unidos e Europa, reivindicavam direitos jurídicos. Paralelamente a isso, aqui no Brasil, ainda se buscava pelo direito a educação superior feminina.

No Brasil, as mulheres puderam se matricular em estabelecimentos de ensino em 1827. O direito a cursar uma faculdade só foi adquirido 52 anos depois. Apenas em 1887 o país formaria sua primeira médica. As primeiras mulheres que ousaram a dar esse passo foram socialmente segregadas (GARCIA, p 3, 2015).

O tolhimento da mulher a educação superior a impedia na busca por uma sólida independência financeira, o que lhe colocava na condição de “serva do lar”. Nesse contexto, a mulher necessitava de um bom casamento, do contrário seria colocada à margem da sociedade. Esse traço é representado pelas personagens solteiras da obra *O Cortiço*, sendo Rita Baiana a voz insurgente em meio as convenções matrimoniais. A personagem em questão repudiava o casamento e as amarras que esse contrato punha nas mulheres.

Ainda hoje é atribuído à mulher o dever de cuidar, os serviços domésticos e as responsabilidades maternas, que são adaptações das amarras produzidas pelo casamento.

As mulheres têm, portanto, na construção da sociabilidade burguesa, ampliada a teia de mediações que concorrem para o processo de alienação que coíbe a possibilidade de realização de projetos livres. Cuidar dos familiares, dos companheiros, em concomitância com as atividades sócio-ocupacionais, para cumprir normas historicamente criadas e interpretadas como inerentes à natureza feminina, tornam-se aspectos de uma realidade que tende a desprender-se de seus sujeitos e apresentar-se como eterna (GUEDES e DAROS, p. 123, 2009).

Ainda sobre esta questão, Vasconcelos (2009) discute a divisão sexual do trabalho manifesta na relação do trabalho produtivo remunerado e o trabalho reprodutivo não remunerado, na qual “as noções de homem provedor e mulher cuidadora e das mulheres como força de trabalho secundária são reforçadas” (VASCONCELOS, 2009, p.37).

Nesse contexto de atribuição do cuidado à mulher, pode-se perceber a crítica exposta na personagem Estela, que não nutria pela filha nenhum amor e igualmente não demonstrava interesse em zelar pelo lar e pelo marido.

Como já mencionado, Aluísio de Azevedo apresentava um viés abolicionista, nesse sentido, vale um destaque para a personagem Bertoleza, nela ver-se a personificação as mazelas sociais: Negra, mulher e periférica. Se apresentando como um dos cernes do Romance me questão, Bertoleza expressa a situação da mulher negra (ex-escrava) do século XIX e reflete a existência da mulher negra (condenada a subempregos) do século XIX.

A situação da mulher negra na sociedade, especialmente na brasileira, é um reflexo direto da forma como as camadas sociais são construídas. No Brasil, o racismo e a questão de gênero são os elementos que moldam a pirâmide social. Somando-se a condição de baixa escolaridade, à discriminação pela cor e pelo gênero, as mulheres negras constroem suas histórias e engendraram lutas por outras condições de vida.

A mulher negra na sua luta diária durante e após a escravidão no Brasil, foi contemplada como mão de obra, na maioria das vezes não qualificada. Num país em que só nas últimas décadas desse século, o trabalho passou a ter o significado dignificante o que não acontecia antes, devido ao estigma da escravatura, reproduz-se na mulher negra “um destino histórico”. É ela quem desempenha, em sua maioria os serviços domésticos, os serviços em empresas públicas e privadas recompensadas por baixíssimas remunerações. São de fato empregos onde as relações de trabalho evocam as mesmas da escravocracia. (NASCIMENTO, p. 128, 2007).

Um último ponto que vale desta que, é nossa a realidade do país em que vivemos. O Brasil possui tradição escravocrata, ou seja, onde o legado da escravidão se traduz em posturas e modos de viver a vida, racistas (TOKITA, 2013). Esta é uma questão complexa, pois, não é assim que o país se vê. Se perguntarmos para qualquer pessoa, não negra, próxima a nós se ela é racista, com toda a certeza, a resposta será: não! Porém, o que vemos cotidianamente é que a trama do racismo, velado e silencioso, se estende a todos os espaços sociais em que estamos inseridas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo comparar as lutas pela sobrevivência de personagens femininas na obra *O cortiço* com as lutas atuais das mulheres. A partir dessa análise, foi possível constatar que os preconceitos direcionados às mulheres no século XIX, ainda são sofridos até hoje e a lutar por existência cresce à medida em que a sociedade se desperta, na medida em que a sociedade feminina luta pelos seus direitos e igualdade.

Com uma linguagem de fácil compreensão, Aluísio mostra atos, caráter, entusiasmo das personagens para a construção da vila o Cortiço. É relatada a realidade das personagens com uma descrição detalhada do ambiente. A narrativa enfatiza principalmente, a questão da liberdade de expressão das personagens, inclusive suas condições morais e psicológicas.

Na obra, as mulheres representam uma imitação do mundo real, pois aborda temas reais de forma objetiva, sem que haja participação subjetiva do autor. A obra destaca com intensidade as características das ações das personagens. O autor narra fielmente os fatos, sem dar importância quanto a opinião dos atos, mas dando ênfase aos atos em si, utilizando apenas o método da observação para assim documentar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. **O cortiço**. 1. ed. Rio de Janeiro: B. L. Gaarnier – Livreiro editor, 1890. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4817/1/002279_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- AZEVEDO, A. **O Cortiço**. São Paulo: 8ª ed. Martin Claret. [1890] 2012.
- AZEVEDO, A. **O mulato** (orientação pedagógica Douglas Tufano; notas de leitura Cláudio A. Tafarello), São Paulo: Editora Moderna, 1994 (Coleção travessias).
- Beauvoir, Simone (1970 [1949] **O Segundo Sexo**. 1. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4a edição; pp. 24-80. (Edição original: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard).
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, A; CASTELLO, J. A. **Presença da Literatura Brasileira**: Das origens ao Realismo, história e antologia. 8º ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.
- COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. 7ª ed. Vol. 4. São Paulo, Global, 2004.
- GARCIA, C. C. **Breve histórico do Movimento feminista no Brasil**. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<http://flacso.org.ar/wp-content/uploads/2015/08/Capitulo-brasil-historia-dofeminismo.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GUEDES, O. S.; DAROS, M. A. **O cuidado como atribuição feminina**: contribuições para um debate ético. *Serviço Social em Revista*, n. 12, v. 1, p. 122-134. 2009. Disponível em: . Acesso em: 06 de fevereiro de 2019.
- IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)** Contínua trimestral, 2018. Disponível em: <<https://dados.gov.br/>>. Acesso em: 27 mai. 2022.
- MELO, M. C. O. L. **Mulheres gerentes entre o empoderamento e o teto de vidro**. In: FREITAS, M. E. de.; DANTAS, M. (Org.). *Diversidade sexual e trabalho*. São Paulo: CNL - CENGAGE/NACIONAL, 2011. 384 p.
- NASCIMENTO, B. **A mulher negra no mercado de trabalho**. In: *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* / Alex Ratts (org) . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico , 2ª Ed., Novo Hamburgo - RS, Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale, 2013. Disponível em:<<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1999,

SAFFIOTI, H. I.B. **Gênero Patriarcado Violência**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

SANTOS, K. V. F. **Mulheres negras no pós-abolição**: Uma análise da personagem Bertoleza, de O Cortiço de Aluísio Azevedo. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – UNB, 2018.

TOKITA, M. F. **Mulheres negras**. 2013. Disponível em: Acesso em 08/03/2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, M. **Responsabilidades familiares**. In: Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, primeira Impressão. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009, 36-43.